

Resenha: WILLIAM, Rodney. *Apropriação Cultural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.55759>

Rodolfo Alves de Macedo¹



O uso de turbantes por pessoas não negras, pode ou não pode? É apropriação cultural ou não? Antes de responder a essas perguntas, primeiro se faz necessário saber o que se entende por “cultura”. Aliás, o que é cultura? Indo além do “pode ou não pode”, essas e outras perguntas serão respondidas por Rodney William ao longo do livro *Apropriação Cultural* (2020). A obra foi publicada

¹ Rodolfo Alves de Macedo. Mestrando em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: rodolfo.macedo95@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-8013-3994>

Recebido em 31/08/2022, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

originalmente em 2019, republicada em 2020 pela Editora Jandaíra, e é o sétimo livro da Coleção Feminismos Plurais, coordenada pela filósofa Djamila Ribeiro.

Rodnei William Eugênio, ou apenas Rodney William, é graduado em Ciências Sociais, mestre em Gerontologia e doutor em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), atuando na área de Antropologia da Religião, pesquisando relações raciais e religiões de matrizes africanas, além de ser colunista do jornal Carta Capital. Dentre suas publicações, William também é autor do livro *A bênção aos mais velhos: poder e senioridade nos terreiros de Candomblé* (2017). No meio religioso do Candomblé, William é babalorixá, conhecido como Pai Rodney de Oxóssi.

O livro em questão possui, na segunda capa, um texto elaborado por Ana Lúcia Silva Souza, da Universidade Federal da Bahia, e outro na quarta capa, por Acácio Almeida, da Universidade Federal do ABC. Possui também uma breve apresentação escrita por Djamila Ribeiro. Além disso, o livro é dividido em introdução e mais quatro capítulos. Nesta obra, William perpassa pela complexidade de abordar a temática da apropriação cultural, sem cair em reducionismos simplistas de "pode ou não pode". Para isso, faz uma análise do colonialismo, lembrando o processo de aculturação pelo qual passaram os povos escravizados. Em seguida, estabelece um paralelo com as práticas mercadológicas capitalistas, em que um aspecto cultural de um povo é utilizado como mercadoria, esvaziando de significado um símbolo cultural identitário.

A história da humanidade é marcada por múltiplas formas de organização da vida social. Cada sociedade, a depender de seu tempo-espço, desenvolveu formas de organizar a coletividade e de conceber a realidade de tal maneira que não outra. Tendo em mente a variação no tempo-espço, podemos conceber a noção de variações culturais, isto é, diferentes manifestações culturais relativas a seu meio social. Essas variações culturais podem ser observadas na nossa própria sociedade brasileira. A cultura do Sul não é a mesma do Norte ou Nordeste, por exemplo.

Partindo de uma analogia com Exu (seu objeto da fé) e em diálogo com uma definição antropológica de cultura fundamentada em Clifford Geertz e Kabengele Munanga, William busca responder, já na introdução, a questão sobre o conceito de cultura, tema ligado à antropologia, a fim de estabelecer um fio-condutor para

compreender a apropriação. Diz o autor que “[...] cultura pode ser compreendida sob vários ângulos: ideias, crenças, valores, normas, atitudes, padrões, abstrações, instituições, técnicas etc. Tudo isso, inserido na cultura de um povo, possui significados e história” (WILLIAM, 2020, p. 27). Logo, a cultura (material e imaterial) é parte constituinte da identidade de um indivíduo e de um povo. Em seguida, busca indicar a existência de uma distinção entre os conceitos de apropriação e aculturação. Aculturação trata-se de um processo de modificação na cultura de um povo por meio da fusão de elementos culturais externos. Ainda na introdução, começa a definir o conceito de apropriação, que será melhor trabalhado no primeiro capítulo.

No primeiro capítulo, “À procura de um conceito”, o autor retoma um aspecto abordado na introdução da obra: o de conceitualizar o que é cultura. William (2020, p. 45) cita uma definição antropológica, que diz que “[...] apropriação cultural ocorre quando uma pessoa pertencente a determinado grupo social dominante ou ao próprio grupo utiliza ou adota hábitos, vestuários, objetos ou comportamentos específicos de outra cultura”. Entretanto, diz ele que essa definição, por mais que esteja correta, não abarca a devida proporção para a questão da dominação. Portanto, não se trata simplesmente de um uso inofensivo de artefatos culturais. Na apropriação, conta-se com uma forte estratégia de dominação, em que um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, destituindo-a de seus elementos identitários de pertencimento e representatividade. Essa estratégia também possui um caráter racista à medida em que traços negros ou indígenas são esmaecidos para serem “palatáveis” por uma sociedade de consumo.

Seguindo nessa linha, no segundo capítulo, ‘Sobre apropriação cultural e racismo’, William disserta sobre como o racismo deve ser sempre levado em consideração ao tratar de apropriação cultural. O autor afirma que “[...] o racismo alimenta no imaginário coletivo as noções de superioridade branca e inferioridade de outros grupos étnicos [...]” (WILLIAM, 2020, p. 71). Sendo assim, por qual outro motivo, senão o racismo, justamente os elementos culturais africanos e indígenas são apagados? Adiciona-se a isso uma indústria cultural com práticas predatórias de mercado. Dessa forma, o racismo que permeia a nossa sociedade brasileira faz-se presente, mesmo que inconscientemente não se perceba na vida cotidiana.

A fim de aprofundar o entendimento sobre apropriação, em “Capitalismo e sociedade de consumo”, William aborda um ponto importantíssimo: como as relações econômicas devem ser analisadas juntamente com os aspectos sociais e antropológicos da apropriação cultural. Neste capítulo, William nos aponta alguns exemplos de sociedades africanas e indígenas e suas formas de organização econômica. No que pese nossa sociedade de consumo e o modelo capitalista (termos estes indissociáveis), definido pela exploração, devemos levar em consideração sua relação intrínseca com o colonialismo. Como foi abordado, para que determinados itens culturais possam ser transformados em mercadorias para serem produzidas e consumidas em massa, a indústria cultural procura torná-las “palatáveis” pela sociedade de consumo. Para isso, os traços e origens são apagados; a cultura agora torna-se mera mercadoria sem qualquer significado original. Os exemplos dessa forma de apropriação podem ser vistos em múltiplos campos, da moda à gastronomia, como bem aponta William neste capítulo.

No último capítulo, “Pode ou não pode?”, William aborda questões relativas ao uso de determinados objetos culturais, e afirma que o conceito de apropriação cultural em si não diz respeito ao que pode ou não ser usado, e sim sobre uma estrutura de poder. Tendo em mente o exposto acima sobre os determinantes da apropriação cultural, William (2020, p. 128) afirma que “Entender as culturas negra e indígena como culturas de resistência é um parâmetro importante para saber o que pode ou não ser usado por pessoas de outras origens”. Isto posto, tem-se um bom ponto de partida para sabermos como sermos mais inclusivos. Continuando, relembra alguns episódios que viralizaram nas mídias anos antes. Para delimitar essa discussão, William cita como exemplos “Turbantes e afins”, “Samba e Bossa Nova”, “Capoeira gospel”, “Bolinho de Jesus” e “Sobre brancos no terreiro”, e em cada um deles discorre seus elementos de representatividade e resistência.

Na obra resenhada, em diálogo com sua visão religiosa pessoal, o antropólogo Rodney William discorre sobre os mecanismos pelos quais a apropriação cultural ocorre, não somente por uma questão de fusão de diferentes culturas, mas por uma lógica de dominação que invisibiliza e esvazia de significados elementos culturais que marcam as identidades negras e indígenas, colocando em risco sua existência. Associando as definições antropológicas de cultura e

apropriação ao modo capitalista e à sociedade de consumo, delimita-se um conceito de apropriação cultural pertinente às pautas contemporâneas.

Apesar da escrita bastante fluída e sem pedantismos, aspectos conceituais do esquema argumentativo do autor podem soar ligeiramente repetitivos ao leitor em alguns momentos. No entanto, essas incursões conceituais formam um todo coeso, em termos de estrutura textual, e dão conta de compreender as complexidades do fenômeno da apropriação cultural. Desta forma, a obra *Apropriação Cultural* se mostra de grande relevância para a compreensão de um tema de tal complexidade, não somente pelo conceito, mas pela contribuição para os debates contemporâneos e por seu potencial de conscientização e desconstrução de preconceitos arraigados, e por isso deve ser lido sem demora. Por se tratar de uma resenha, foi necessário abordar cada capítulo apenas em forma de síntese. Entretanto, recomendamos fortemente a leitura da obra na íntegra, a fim de melhor compreensão e maior profundidade. A leitura é recomendada não somente a pesquisadores do campo da cultura, mas a todos aqueles interessados e envolvidos em pautas identitárias contemporâneas.